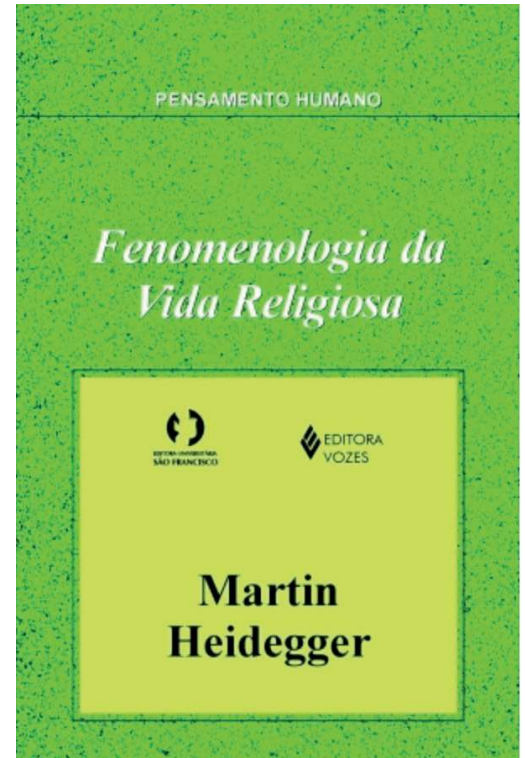


Fenomenologia e Religião: uma leitura do livro “Fenomenologia da vida religiosa” de Heidegger

Martin Heidegger

DOI: 10.12957/ek.2017.25451



por **Prof. Dr. Marcos Alexandre Alves**
e **Mnd. Alice Krebs Teles**

maralexalves@gmail.com | ateles20@gmail.com

**HEIDEGGER, Martin. Fenomenologia da vida religiosa. Trad. Enio Paulo Giachine;
Jairo Ferrandin; Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2010.**

O texto apresenta a preleção intitulada *Introdução à fenomenologia da religião*, proferida por Martin Heidegger, no semestre de inverno de 1920-21, em Freiburg. A proposta consistiu em elaborar uma fenomenologia da religião que serviria de base para uma *ontologia formal*. O livro está dividido em duas partes: 1ª parte trata da delimitação do *método fenomenológico*, explicita o *objeto* e forma de *acesso adequado* da religião enquanto *experiência religiosa originária*; 2ª parte aborda *fenômenos religiosos concretos* que estão em conexão com as epístolas paulinas e oferece uma exegese bíblica da experiência religiosa do cristianismo primitivo. A preleção concentrou-se em aplicar o método fenomenológico à experiência religiosa originária do cristianismo e não a *religião* enquanto tal, ou seja, realizar uma fenomenologia da *vida fáctica* a partir de documentos da história da religião.

PALAVRAS CHAVE Experiência Religiosa. Ontologia. Vida Fática. Religião.

Heidegger ofereceu a preleção intitulada *Introdução à fenomenologia da religião*, como *Privatdozent* (professor livre) na universidade de Freiburg (Alemanha)¹, que teve início no dia 29 de outubro de 1920 e foi concluído em 25 de fevereiro de 1921. Suas lições foram ministradas nas terças e quintas-feiras, das 12h às 13h. O manuscrito original da preleção está perdido e sua edição só se tornou possível graças a cinco apontamentos, manuscritos, conservados, que permitiram reconstruir os passos do pensamento e o teor do curso de Heidegger. Os de Oskar Becker, de Helene Weiß e de Franz-Josef Brecht que se encontram no *Arquivo Alemão de Literatura*, de Marbach. Os de Franz Neumann e de Fritz Kaufmann estão guardados no *Arquivo Husserl*, de Lovaina. Como os apontamentos de Oskar Becker sobre a primeira parte são completos, serviram de base para constituir o texto desta. Os editores explicam que os apontamentos de Helene Weiß e de Franz-Josef Brecht são semelhantes e dependentes um do outro, mas que se revelam sucintos ao serem comparados com os de Becker. Os apontamentos de Franz Neumann serviram de material complementar para a constituição do texto, enquanto que os de Fritz Kaufmann

¹ *Introdução à fenomenologia da religião* é uma das três partes da edição portuguesa de *Fenomenologia da vida religiosa (Phänomenologie des religiösen Lebens)* que reúne ainda mais outra preleção de Heidegger *Santo Agostinho e o neoplatonismo – 1921 (Augustinus und der Neuplatonismus)* e um rascunho que não chegou a ser um texto elaborado, com o título *Fundamentos filosóficos da mística medieval – 1918-19 (Die philosophischen Grundlagen der mittelalterlichen Mystik)*. O título genérico e original da obra, *Fenomenologia da vida religiosa*, na qual se encontra publicada a preleção *Introdução à fenomenologia da religião*, que será objeto de análise, no presente texto, foi dado pelos editores.

não puderam servir na comparação pelo fato de terem sido taquigrafados num estilo antigo e por não terem sido ainda transcritos. Por se basear em tais apontamentos, que não são diretamente de Heidegger, a edição apresenta um texto que é, segundo os editores, secundariamente autêntico.

Na parte final da edição de *Introdução à fenomenologia da religião*, antes do epílogo, foram acrescentados em *anexo: apontamentos e esboços para a preleção* elaborados pelo próprio Heidegger. Este material é constituído de folhas soltas dentro de uma pasta, conservadas no Arquivo de Marbach. Os editores observam que estes manuscritos foram feitos em tamanho microscópico e que foram difíceis de decifrar.

A proposta de Heidegger consistiu em elaborar uma fenomenologia da religião que serviria de base para uma *ontologia formal*. A preleção está dividida em duas partes: primeira parte trata da delimitação do *método fenomenológico*, explicita o *objeto* da religião enquanto *experiência religiosa originária* e a forma de *acesso adequado* a ela, e fixa a *experiência fática da vida* como ponto de partida de sua filosofia; segunda parte aborda *fenômenos religiosos concretos* que estão em conexão com as epístolas paulinas, aplica seu método e oferece uma exegese bíblica que se concentra no esclarecimento da experiência religiosa genuína do cristianismo primitivo. Enfim, o objetivo da preleção consiste em aplicar o método fenomenológico à experiência religiosa originária do cristianismo e não a *religião* enquanto tal, ou seja, realizar uma fenomenologia da *vida fática* a partir de documentos da história da religião.

Uscatescu (2006, p. 11) explica que o curso nasceu motivado por seu então mestre Edmund Husserl, fundador do método fenomenológico. Como discípulo e assistente, Heidegger ficou encarregado de elaborar uma fenomenologia da religião. Nascido dentro do movimento filosófico da fenomenologia, o estudo heideggeriano visou servir de base para uma *ontologia formal*. Enquanto Husserl assumia a tarefa de fundamentar, explicar e desenvolver os princípios da fenomenologia para lançar as bases de tal ontologia, por outro lado, repartiu entre seus mais destacados discípulos a tarefa de elaborar uma fenomenologia de regiões particulares da realidade.

O contexto no qual se dá a construção da *fenomenologia da religião* de Heidegger é bastante amplo e complexo. Entre as últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, ocorre uma autêntica virada na ciência da religião e na filosofia da religião. Uscatescu esclarece que neste momento histórico são investigadas religiões primitivas até então desconhecidas ou muito mal-conhecidas (*animismo, totemismo*), são lançadas *hipóteses pré-animistas*, o

sagrado é colocado como objeto básico da religião. A filosofia não fica aquém deste debate e reage com novas propostas. Desta forma, Heidegger dialoga, entre outros, com Rudolf Otto, Adolf Reinach, Wilhelm Windelband, Ernst Troeltsch, Max Scheler e com o próprio Husserl. Vale destacar que o pensamento do jovem Heidegger foi fortemente influenciado por Kierkegaard e Lutero.

Em relação à estrutura da edição do curso de 1920-21, constata-se que ela é composta por duas grandes partes. A primeira trata de uma *introdução metodológica* e a segunda aborda *fenômenos religiosos concretos* que estão em conexão com as epístolas paulinas. Quer-se chamar a atenção para esta estrutura do curso, pois a maior parte – a primeira – é dedicada à questão prévia de fixar e delimitar o *método fenomenológico*. Para Heidegger, tão importante quanto o que se quer abordar, é como se vai fazê-lo. Ou seja, a questão do método é fundamental no seu pensamento e obra. Daí a relevância deste curso, uma vez que nele Heidegger faz considerações metodológicas fundamentais.

A introdução metodológica foi organizada pelos editores em treze parágrafos e quatro capítulos. Decidido a começar o curso com a introdução metodológica, Heidegger discorre sobre conceitos tais como o *histórico* e a *experiência fática da vida*; elucida o que se compreende por *experiência cognitiva*, *formalização* e *anúncio formal*; esclarece a peculiaridade dos *conceitos filosóficos* e a diferença de princípio que há entre *filosofia* e *ciência*. Também procura mostrar e fazer uma consideração crítica acerca das tendências dominantes da filosofia da religião de seu tempo.

O tema central da fenomenologia de Heidegger, tratado na obra em questão, é a *vida fática*, que coloca no centro a *vida concreta* e *individual* de cada homem. Este aspecto da fenomenologia heideggeriana revela que, embora estivesse condicionado por Husserl na fundação de uma fenomenologia da religião, Heidegger já trabalhava em uma concepção própria da fenomenologia. Estava, neste momento, segundo Uscatescu (2006, p. 13), ocupado com uma reelaboração do método fenomenológico, para que este pudesse fazer justiça à *vida fática* e à *historicidade*. Nesse sentido, Heidegger faz uma introdução metodológica explicando que, para estabelecer o *objeto* da religião é preciso, primeiro, delimitar a *experiência religiosa originária* e a forma de *acesso adequado* a ela, e, assim, fixa a *experiência fática da vida* como ponto de partida de sua filosofia.

Dos apontamentos, os editores deduziram que no dia 30 de novembro de 1920 Heidegger abandonou sua *introdução metodológica* e passou a explicar fenômenos religiosos concretos. Tal mudança ocorreu por motivos filosóficos e também por motivos de outra ordem. A explicação mais plausível é a de que alguns alu-

nos, os menos dotados para questões metodológicas, teriam se queixado para o decano da faculdade porque consideravam que do título do curso cabia esperar algo mais concreto e relacionado com a vida prática. O título da segunda parte, *Explicação fenomenológica de fenômenos religiosos concretos tomando por base as epístolas paulinas*, é tomado dos apontamentos de Becker, o que evidencia a separação do curso em duas partes claramente diferenciadas entre si. Mesmo assim, também na segunda parte há considerações importantes sobre o método da fenomenologia. Isto fica claro no segundo capítulo desta segunda parte.

A segunda parte do curso foi organizada em cinco capítulos e dezenove parágrafos. Neles, Heidegger aplica seu método a um caso específico concreto: a experiência religiosa do cristianismo primitivo. Para tanto, ele parte dos registros bíblicos mais próximos de Jesus: a Primeira Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses. No entanto, não se fixa nesta, pois a relaciona com a Segunda Epístola aos Tessalonicenses, com a Epístola aos Gálatas, com a Epístola aos Coríntios e ainda com o livro bíblico que retrata os Atos dos Apóstolos. Heidegger parte de fatos históricos fixados naqueles documentos concretos. Uscatescu (2006, p. 12) comenta que a segunda parte oferece um exímio exercício de exegese bíblica que se concentra no esclarecimento da experiência religiosa genuína do cristianismo primitivo. Heidegger aplica seu método às cartas paulinas por ver em Paulo de Tarso o expoente mais originário do cristianismo primitivo.

O que importava realmente a Heidegger, quando da aplicação do método fenomenológico à experiência religiosa originária do cristianismo, não era tanto a *religião* enquanto tal, mas realizar uma fenomenologia da vida fática, ou seja, ressaltar elementos da *faticidade da vida* tomando como base documentos capitais da história da religião. Por isso, a primeira parte do curso é imprescindível para a explicação dos fenômenos concretos abordados na segunda. Da mesma forma, a fenomenologia da religião de Heidegger se centra mais na experiência originária da religiosidade cristã do que pela central experiência de Deus. “Heidegger deixa absolutamente de lado a experiência religiosa genuína, a vivência de Deus, para centrar-se na experiência da vida fática que tem Paulo de Tarso” (USCATESCU, 2006, p. 21). Desta experiência paulina destaca a *tribulação*, a *angústia*, a *proclamação evangélica*, o *ser cristão*, a *negação dos ídolos* e dos *deuses do paganismo*, a *parusia*, o *serviço* e a *esperança*, a *graça divina*, entre outros.

O que Heidegger apresenta realmente a seus alunos no curso de Freiburg não é uma fenomenologia da religião, mas uma *fenomenologia da vida fática* baseada na experiência religiosa fundacional da vida fática cristã. O importante para Heidegger não é o momento da experiência de Deus, mas a compreensão

própria do *ser daquele que possui esta experiência religiosa*. Acentuando a *historicidade* da experiência fáctica do cristianismo, Heidegger destaca a individualidade histórica de cada uma das religiões. Ou seja, para se fazer justiça a um fenômeno, no universo religioso, o decisivo, segundo Heidegger, é reconstruir a vivência originária em que se constitui a religião.

O curso *Introdução à fenomenologia da religião* tem grande importância para se compreender a fisionomia da fenomenologia da religião de Heidegger. Trata-se de um dos dois únicos cursos que se concentram pela primeira e última vez num projeto consistente e coerente de fenomenologia da religião. O tema da *religião*, a questão de *Deus* e do *sagrado* são tocados apenas indiretamente por Heidegger em suas obras posteriores. Além disso, este curso é fundamental para compreender o pensamento primeiro de Heidegger. Em nenhum outro momento se faz tão ostensiva a índole própria do método filosófico em oposição ao método científico, em nenhum outro lugar da obra heideggeriana as questões religiosas são tratadas com tal extensão e exatidão exegetica.

Recebido em: 01.03.2016 Aprovado em: 24.03.2017

Referência Bibliográfica

ESCUADERO, J. Adrián. *Fenomenología de la vida en el joven Heidegger. II. En torno a los cursos sobre religión (1920-1921)*. In: Revista Pensamiento, vol. 55, núm. 213, pp.385-412. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Tradução e prólogo de Jorge Uscatescu. México: F.C.E./ Siruela, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SÁNCHEZ, Pablo Redondo. *El proyecto incumplido de Heidegger. La explicación de la indicación formal en Introducción a la fenomenología de la religión*. In: Revista Pensamiento. Vol. 57, n. 217, p. 3-23, 2001.

USCATESCU, Jorge. *Acerca de la fenomenología de la religión en las lecciones de Heidegger sobre la fenomenología de la vida religiosa*. In: HEIDEGGER, Martin. *Introducción a la fenomenología de la religión*. pp.10-30. México: Siruela e F.C.E., 2006.